



INCLUSÃO ESCOLAR: APRENDIZAGENS, SABERES E ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO

Simone de Miranda Oliveira França

Colégio Sion, RJ

Resumo: Dentre os paradigmas existentes no universo educacional, o da inclusão – que contempla a escola regular como espaço educativo para todos - tem trazido questionamentos e reflexões para a docência, no sentido de que há uma demanda crescente de formação continuada que atenda à necessidade de apropriação de um saber que repercutirá em seu fazer, de modo que o conhecimento seja acessível e pleno de sentido. Considerando que os fundamentos teórico-metodológicos da inclusão escolar centralizam-se “na concepção de educação de qualidade para todos, enfatizando o respeito à diversidade dos educandos” (Nascimento, 2009), concordamos com Fávero (2009) quando diz que um dos desafios da educação inclusiva está, justamente, no de repensar e ressignificar a própria concepção de educador. Atentando às especificidades (do respeito à diversidade discente e à formação docente), desenvolveu-se um trabalho de investigação com Professores dos anos finais do Ensino Fundamental, buscando analisar o processo de adaptação curricular, no sentido de propor situações de ensino aprendizagem para alunos com baixa cognição e com limitações no processamento auditivo central, de modo a otimizar a aprendizagem dos conteúdos específicos para as séries em curso. Para tanto, seguindo a abordagem qualitativa, entrevistou-se 12 Professores em uma Instituição da Rede Particular de Ensino(RJ). O entendimento da necessidade formativa para a otimização de práticas que viabilize o saber por esses alunos; a importância do trabalho sistemático de acompanhamento, que possibilitou a adaptação curricular e definição de eixos de trabalhos, bem como, uma ressignificação do saber construído no espaço de sala de aula, foram pontos relevantes identificados como resultados desse trabalho.

Palavras-chave: inclusão, docência, aprendizagem.

1- INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem de alunos portadores de necessidades especiais, em escolas regulares, tem trazido novas maneiras de se pensar a educação, bem como, inúmeros desafios quanto à ressignificar a lógica de ensinar e do aprender. Cada vez mais têm-se discutido estratégias de trabalho para com esse processo ainda novo em muitos espaços escolares, sobretudo quanto ao fazer docente, frente às demandas com as quais precisa lidar e a sua formação para tal contexto. Existe muito mais a intencionalidade quanto ao trabalho a ser desenvolvido e a crença de que é possível desenvolvê-lo, do que a certeza dada pela formação inicial recebida.

Nesse sentido, é assertivo pensar que a formação continuada em processo, deve ter como foco as diferentes situações que constituem o ato educativo. É justamente o processo vivido entre o pensar e o propor, o observar e o coletar resultados, o fazer e o refazer, apoiados num processo reflexivo, presentes no cotidiano do trabalho com alunos de inclusão, que se pode identificar as





expectativas do docente quanto à otimizar a relação entre o saber ser construído/formalizado e ele ser, também, funcional na vida desses alunos.

Essa forma de conceber o trabalho, apoia-se no dizer de Nóvoa, quando afirma:

A formação não se constrói por acumulação [...], mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência [...]. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões colectivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores. (NÓVOA, 1995, p. 25)

É o entendimento de uma formação de carácter construtivo, reflexivo, crítico, mas também de consciência de um processo sempre inacabado, que se refaz. A esse respeito, nos diz Paulo Freire que

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” [...] “por isso é que na formação continuada dos Professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática (FREIRE, 2005, p. 42-43).

O pensamento Freireano indica que o processo de formação continuada do Professor está diretamente relacionado a um processo contínuo e permanente do seu desenvolvimento profissional, desenvolvimento esse permeado pela constante reflexão de si e da sua ação. Para tanto, torna-se importante a apropriação dos saberes, pelos Professores, em direção à autonomia, que pode levar a uma prática crítico-reflexiva, abrangendo a vida cotidiana da escola e os saberes derivados da experiência docente.

É coadunado com essa concepção sobre formar, aprender, fazer e ressignificar a prática, que têm-se buscado a construção de um saber referente ao trabalho com alunos de baixa cognição, pertencentes ao oitavo ano do ensino fundamental (anos finais), em uma Colégio da rede particular na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo para se estar capacitado a desenvolver um trabalho que contemple a unidade na diversidade, que implica em focar-se em uma pedagogia centrada no sujeito e em suas especificidades.





Assim, este artigo trata sobre o trabalho desenvolvido junto aos Professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental, quanto ao processo de adaptação curricular, no sentido de propor situações de ensino aprendizagem satisfatórias para alunos com baixa cognição e com transtornos do processamento auditivo central, de modo a otimizar a aprendizagem dos conteúdos específicos.

2- OS CAMINHOS, AS “PARADAS” E O PROSSEGUIR

O trabalho com alunos de inclusão traz para a Instituição Escolar inúmeras realidades até então não conhecidas/vivenciadas, em sua totalidade. No que concerne, especificamente, aos alunos com baixa cognição e que apresentem, também, limitações no processamento auditivo central, há na figura do Professor o ponto de referência principal, associado a todos os demais aportes colaborativos para o seu desenvolvimento – seja no quadro de profissionais, seja nos recursos disponibilizados para o desenvolvimento do trabalho.

Por outro lado, o Professor tem para si uma função primordial no processo educativo: o de viabilizar, pelo seu fazer pedagógico, todas as possibilidades no desenvolvimento do saber desses alunos, tornando-os –enquanto sujeitos aprendentes, capazes de maximizar suas habilidades, suas competências, a participação nos projetos individuais e coletivos, a experimentação e descobertas.

Essa função, por exemplo, pode ser reconhecida pela narrativa da Professora de Ciências, quando começou o trabalho com os alunos que pertencem ao perfil definido neste artigo, ao afirmar que

Logo no início das aulas já percebi que eles trazem um considerável conhecimento prévio em Ciências. Tive a impressão de que seriam capazes de aprender boa parte do conteúdo, desde que o associassem às suas vidas. Esses alunos me surpreendem a cada dia. Seus questionamentos e conversas, em conjunto com os ótimos resultados das avaliações, me mostram que são capazes de aprender e desenvolver diversas habilidades na disciplina. (PROFESSORA FERNANDA, 2016).

Considerando o entendimento/narrativa da Professora Fernanda, podemos identificar que para cada docente e disciplina, há a construção de uma proposição coerente entre o previsível e o real, que só se pode delimitar por intermédio da relação cotidiana no espaço de sala de aula.





O caminho que vem sendo percorrido, com as especificidades dos alunos aqui identificados, teve seu início há três anos. Naquela época, com os Professores dos anos finais do ensino fundamental, não havia sido vivenciado ainda nenhum processo de adaptação curricular e não havia, também, o trabalho com um profissional de apoio escolar especializado. Esse profissional, como o próprio nome diz, tem a responsabilidade de trabalhar junto à Coordenação Pedagógica, Orientação Educacional, Docentes e Famílias, com o objetivo de discutir as possibilidades e viabilizar o processo educativo desses alunos ao longo do ano letivo.

O marco do trabalho se deu com o ingresso de alguns desses alunos no sexto ano e, a partir de então, os encaminhamentos foram sendo realizados etapa a etapa, em função de ser uma aprendizagem para todos os que compunham aquele segmento quanto a estabelecer uma relação estável e tranquila com esses alunos, a redefinir o trabalho da docência, a adaptação das turmas com os colegas de inclusão, as atividades, aos processos avaliativos, a buscar viabilizar o bem estar deles no “estar” do Colégio. Todos estavam sendo adaptados e adaptando-se também. Esse sentimento é muito bem representado no texto do Professor de Geografia, quando afirma

A impressão inicial é a mais óbvia de todas, o trabalho será maior. O professor que diz que nada mudará, não está sendo honesto. Mas logo vem a parte que considero a melhor, a possibilidade de ajudar alguém que realmente valorizará o meu trabalho [...] O aluno nessa condição não possui, ainda, a capacidade de fazer todas as relações desejadas, porém, costumo me dar por satisfeito com a concretização de algumas e, principalmente, com o ganho de confiança demonstrado após algumas dessas conquistas. (PROF. MICHEL, 2016)

E, ainda, no entendimento da Professora de Matemática:

Os alunos chegaram em níveis muito diferentes uns dos outros em relação ao conhecimento e entendimento da disciplina, e a primeira impressão foi que a adaptação seria mais difícil para nós (professores) do que para os próprios alunos. Porém, trabalhar em equipe, junto com as Coordenações e demais profissionais envolvidos nesse processo escolar nos mostrou que era o único caminho a ser seguido. E mais, surpreendeu pelo aprendizado mútuo que foi aumentando ao longo do ano. (PROF^a CRISTIANE, 2016)





O trabalho com alunos que apresentam baixa cognição e comprometimento no processamento auditivo central, demanda de um trabalho sistêmico, envolvendo várias frentes de atuação, por verificar-se limitações na sua autonomia, dificuldades de compreensão e de memória, dificuldades de concentração, capacidade de organização e muita falta de motivação. Nesse sentido, o aporte do trabalho teórico desenvolvido pelo Professor também está associado à uma recorrente tarefa de estimular, incentivar, ressaltar as conquistas e apresentar alternativas para as dificuldades:

Alguns precisam de um acompanhamento mais próximo! As aulas são muito espaçadas e a falta de um estudo diário aumenta as dificuldades de fixação da matéria [...] procurei dar ao conteúdo instrumentos para ativar e mobilizar seu desenvolvimento com experiências múltiplas e variadas de exercícios , jogos, oportunidades de se apropriar dos conceitos da disciplina, de articular esses saberes com as suas próprias experiências cotidianas. (PROF^a CELINA, HISTÓRIA, 2016)

Uma vez iniciado o processo, começaram também, os questionamentos e dúvidas recorrentes por parte dos Professores: como trabalhar em sala? Como fazer as avaliações? O que pode ser solicitado? Até onde eles vão conseguir acompanhar? Foram perguntas, dentre tantas outras, recorrentes nos atendimentos aos docentes ou nos momentos de reunião com toda a equipe.

Considerando experiências externas já vivenciadas, materiais de estudos, relatos trazidos e documentos oficiais, optou-se por se debruçar sobre o planejamento de cada disciplina, para identificar – naquilo que seria proposição para cada série, os conteúdos de base a serem trabalhados com os alunos. Esse foi o primeiro momento de ressignificação: tudo é importante? O que se define como importante e fundamental? O que precisa ser garantido para que esses alunos possam ingressar na série seguinte com segurança? A partir das respostas dessas questões, foram estabelecidas metas para cada disciplina: o segundo momento de construção de um saber tão amplo, em processo de ressignificação.

Cabe-nos entender como os Professores lidam com a especificidade da sua área, para poder estabelecer as metas para as ações com esses alunos, uma vez que a crença da possibilidade, nem sempre é compatível com o dado real. Nesses casos, um novo olhar precisa ser feito.





As expectativas quanto ao aprendizado desses alunos eram mínimas, tudo era muito incerto e tentamos estabelecer metas no início do ano letivo que não estivessem muito longe do que eles apresentaram ao chegar. Trabalhar com Matemática no Ensino Fundamental 2 requer uma certa abstração que imaginávamos que eles não alcançariam. Mas a interação deles com todo o corpo escolar foi tão grande e a motivação por poder estar no mesmo ambiente que todos os outros alunos, ditos por tantos anos “diferentes” deles, que todas as expectativas foram superadas. Em termos de conteúdos, comparado com o currículo dito normal para o Segmento, eles apresentam uma diferença grande, porém são alunos que aprenderam a superar suas limitações [...], que trabalham com problemas contextualizados e apresentam um salto qualitativo enorme nos conhecimentos adquiridos. (PROF^a CRISTIANE, MATEMÁTICA, 2016)

Ao se modificar o foco do trabalho, trazendo-o para a perspectiva colaborativa (entre os pares) e reflexiva (do seu próprio fazer), surge uma nova questão que diz respeito às ações que mobilizam os docentes, frente aos desafios propostos pelos alunos: a estrutura das aulas. Uma nova ressignificação. Um outro espaço de formação. Dessa maneira, uma das tendências contemporâneas dessa formação está voltada às práticas docentes e aos saberes que o professor desenvolve a partir de suas atividades. No caso de uma realidade de inclusão, com os alunos que apresentam as características citadas anteriormente, o cenário da sala requer do Professor a atenção constante quanto à sua própria ação: falar sempre de frente para os alunos de forma pausada, ter uma escrita ordenada no quadro, compondo registros e esquemas de fácil compreensão, retomar a explicação da aula anterior com vínculo na aula atual, propor atividades com mais de uma possibilidade de realização, nas atividades grupais pensar em alternativas de realização do trabalho que contemple a todos, dentre outras formas. Em paralelo à esse agir do Professor, há o trabalho também, do Profissional de Apoio Especializado, que em consonância com o que se desenvolve em sala e com o Docente, elabora os guias de estudos, adapta algumas atividades e procedimentos. Observa-se essa realidade presente na narrativa da Professora de Artes:

[...] depois das primeiras aulas de Arte percebi que as dificuldades encontradas por esses alunos também eram muito parecidas com as dos outros alunos, quando estavam diante de uma nova proposta. Isso fez com que eu adotasse alguns procedimentos um pouco mais detalhados com os alunos de baixa cognição para facilitar a expressividade das suas ideias sem que eles perdessem as características dos seus traços. E, aos poucos, sinalizando de que forma cada material utilizado nas atividades nas aulas de arte devem ser manuseado,





possibilitando melhorar a coordenação motora fina de cada um. Respeitando os limites de cada um dos alunos. (PROF^a NÁDIA, 2016)

Pode-se observar que há, necessariamente, a demanda de que o Professor seja um profissional capaz de relativizar seus saberes questionando-os sempre. Dessa forma, segundo Macedo,

a formação docente torna-se o ato de assegurar o conhecimento reflexivo, sem desconsiderar o técnico, exigindo aprofundamento e escolhas pedagógicas, durante os processos de formação, que conduzam a novas aberturas, afastando-se momentos e práticas estagnadas e pré-estabelecidas. (MACEDO, 2001, p. 31).

A preocupação com o acerto, é um elemento significativo para todos os que vivem a experiência com alunos de Inclusão. Não distante do que propõe a Lei 13.146/2015, há dentro dos sujeitos que compõe o universo escolar o desejo de assegurar a adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento desses estudantes, sem desvinculá-lo de todas as práticas e vivências possíveis no interior da Escola. Uma dessas práticas e, talvez, a que mais requisitou uma ressignificação por parte dos Professores, é a prática avaliativa.

Dentre as mais variadas questões, optou-se por desenvolver um instrumento de avaliação que fosse adaptado ao que contemplava o currículo definido para eles, às atividades e às tarefas de casa. Embora não houvesse a obrigatoriedade de um instrumento formal, uma vez que os Professores emitem um parecer descritivo sobre esses alunos, o instrumento em si tem o papel singular da pertença à mesma realidade dos demais colegas de sala, mesmo todos tendo a ciência de que aquele é um instrumento adaptado. Esse processo de adaptação das avaliações é de uma aprendizagem contínua e de constante (re)visitação. Entretanto, a aprendizagem ocorre por parte de todos os atores envolvidos nesse processo e, sobretudo, o papel da Profissional de Apoio Especializado é fundamental na orientação e discussão do instrumento avaliativo, sobretudo porque é esse Profissional que tem, nos momentos de atendimentos, a observação mais refinada do desenvolver desses alunos.

Para os Professores, como para todos os demais Profissionais da Instituição, há os momentos de avanço e de paradas, que buscam redefinir novos caminhos para esse processo, assim como, também para os colegas de turma, que são os pares mais presentes no cotidiano da Escola:





[...] o incentivo deve ser constante. Houve um crescimento na participação das aulas e, apesar das dificuldades de conteúdo, o convívio em sala de aula foi muito positivo para despertar nesses alunos maior vontade de aprender [...] a convivência tem sido essencial para o desenvolvimento. (PROF^a MARIA HELENA, INGLÊS, 2016).

3 – A TÍTULO DA (IN)CONCLUSÃO

Desenvolver um trabalho inclusivo, numa escola regular, é um grande desafio. Possível, é fato, e que traz em si grandes ressignificações: enquanto sujeitos que constitui o universo escolar, enquanto relação que se estabelece com o conhecimento, enquanto amplitude que se adquire à funcionalidade real do currículo e, dentre outros aspectos, enquanto a igualdade do acesso do saber a todos, com qualidade.

O que essa experiência possibilita como vivência em nossa Instituição, é muito inicial, ainda, frente a tantas outras experiências na área. Entretanto, é uma vivência que tem se constituído de um corpo formativo sobre o ser docente e sua prática, bem como sobre o significado dessa prática representada nos avanços demonstrados por todos, dentro da condição de cada um.

Os alunos ingressos no sexto ano do Ensino Fundamental, estão, atualmente, no oitavo ano, envolvidos – junto aos Professores - em todos os desafios, dificuldades, aprendizagens e experimentos próprios do ano que cursam. Cada dia é um dia. Cada conquista é uma conquista. Cada dificuldade é uma dificuldade. Específicas, próprias, que demandam de todos os envolvidos no processo outras ressignificações, reflexões, uma vez que entende-se não haver linearidade de encaminhamentos. É um processo em que não há receita e por isso, é também um processo democrático, ao buscar acolher, educar e ensinar a todos, respeitando as diferenças individuais, e estimulando o aprender de cada um.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015.





FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 2005.

NASCIMENTO, R. P. **Preparando professores para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.**
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2496-8.pdf>, acesso em 18/07/2016, 21h18

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

MACEDO, L.S. *As políticas de formação de professores para o ensino fundamental: legitimação e resistência.* Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação, UFPE, 2001.

